

Resenha

SPINKS, Jennifer; EICHBERGER, Dagmar (eds.). *Religion, the Supernatural and Visual Culture in Early Modern Europe: An Album Amicorum for Charles Zika*. Leiden / Boston: Brill, 2016 (Coletânea: Religion, the Supernatural and Visual Culture, vol.191). ISBN 978-90-04-29726-5 (hardback) ISBN 978-90-04()-29901-6 (e-book).

*Helmut Renders**

O supernatural na cultura visual no início da Europa moderna: uma resenha de uma obra editada por Jennifer Spinks e Dagmar Eichberger em homenagem a Charles Zika

The supernatural in the visual culture of early modern Europe: a book review of a work edited by Jennifer Spinks and Dagmar Eichberger in honor of Charles Zika

Introdução

A maioria dos/as autores/as dessa obra não pertence a departamentos de história de arte ou das ciências da religião, mas, da história. A obra é dividida em quatro partes constituídas de quatro a cinco artigos e acompanhada por um detalhado índice de nomes e lugares. Como se espera em uma publicação sobre cultura visual, em geral os capítulos incluem um número significativo imagens, somando um total de cinquenta.¹

O texto, em homenagem à obra de Charles Zika, se concentra nos temas preferencialmente abordados por ele e seus respectivos métodos e é acompanhado por uma ampla introdução e um rico índice de nomes e lugares:

Introdução: Pesquisa, amizade e superação de fronteiras (p. 1-16)

Jennifer Spinks and Dagmar Eichberger

Parte 1 Agência supernatural e comunidades de fé (p. 17-102)

* Doutor em Ciências da Religião. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: helmut.renders@metodista.br

1 A colaboração do inferno: Um grupo em combate à peste em S. Pietro in Vincoli, Rome / *Louise Marshall*

2 A possessão demoníaca de Richard Dugdale / *Brian P. Levack*

3 As jovens de Salem (1692): Problemas de gênero e de agência / *E. J. Kent*

4 “O toque de sinos por quatro espíritos brancos”: Dois testemunhos orais ingleses do século XVI: o sobrenatural na cultura das impressões / *Dolly MacKinné* dividida em quatro partes

Parte 2 Religião e autoridade cultural (p. 103-185)

5 “É uma grande desgraça para a nossa cidade”: Arcebispo Antoninus de Heresy na Florença renascentista / *Peter Howard*

6 Endor e Amsterdã: A imagem da bruxaria como arma na arena política / *Hans de Waardt*

7 Mergulhando profundamente na espiritualidade: Novas tentativas holandesas do século 17 de acessar Deus / *Donna Merwick*

8 *Para Lutero*: Explicando um retrato inesperado de *Paracelsus* no *Curriculum Vitae Lutheri* de Andreas Hartmann (1601) / *Leigh T. I. Penman*

Parte 3 O mundo (ao)natural (p. 185-301)

9 “Fazendo uma festa com o prisioneiro”: Roger Barlow, Hans Staden e as ideias do canibalismo do Novo Mundo / *Heather Dalton*

10 Sinais que falam: Notícias sobre o cometa de 1556 visto acima da fronteira franco-germânica / *Jennifer Spinks*

11 Desordem no mundo natural: as perspectivas de um convento provincial do século 17 / *Susan Broomhall*

12 *De Profundis*: Leviatãs lineares nos Países Baixos / *Larry Silver*

13 O dragão feroz e o elefante doce: a libertação do pecado no jardim do Éden de Rembrandt / *Shelley Perlove*

Parte 4 Artefatos e cultura material (p. 303-409)

14 Salience e a serpente: Liminaridade e encarnação na anunciação de Francisco de Cossa (circa 1470) / *Patricia Simon*

15 As relíquias de Lutero / *Lyndal Roper*

16 A arte de criar uma memória: epitáfios, mesas e adegas na Abadia de Westminster / *Peter Sherlock*

17 A mercadoria do papa e a bijuteria dos Jesuítas: relíquias católicas e polêmica protestante na Inglaterra depois da Reforma / *Alexandra Walsham*

Índice de nomes e lugares (p. 411-417)

A respeito da introdução (p. 1-16)

As editoras Jennifer Spinks e Dagmar Eichberger estão convictas de que o estudo da cultura visual dá um novo acesso a “... crenças, práticas [religiosas] e à dimensão supernatural no mundo moderno no seu começo” explorando “fontes visuais, textuais e materiais” (p. 1), apresentando “... detalhes que nos fazem pensar de uma forma nova e de forma surpreendente a respeito da materialidade e da intensamente sentida natureza das culturas religiosas no início da modernidade...” (p. 1). E mesmo que talvez as surpresas sejam para um/a cientista da religião em um ou outro momento da leitura até menores quanto às descrições dos fenômenos religiões em si, ele ou ela vão certamente apreciar as abordagens inter(trans)disciplinares.

A respeito da primeira parte (p. 17-102)

A restrição nesse primeiro capítulo do “supernatural” aos mundos ou imaginários do inferno, demônios, bruxaria e espíritos brancos representa um recorte muito específico que acompanha, em primeiro lugar, as ênfases da pesquisa de Charles Zika. Quanto à pesquisa da religião no Brasil, isso serve, diretamente, para os estudos da religião colonial, especialmente dos seus inícios. Contudo, não é só: representa, ainda, um interlocutor útil para a interpretação de diversas expressões da religião do império, das repúblicas e do período pós-moderno popular (cristão) brasileiro. De fato, temos aqui eventualmente até uma das explicações da existência dessas crenças em nosso cotidiano: a concepção de um espaço cultural religioso criada ao redor de incertezas a respeito até das rejeições da modernidade. Além disso, a ênfase conferida ao supernatural demoníaco corresponde, muitas vezes, à ênfase ao divino extraordinário até às concepções mágicas, temas muito presentes em nossos dias. Em seguida, focamos nas questões de método de cada estudo. Louise Marshall apresenta um estudo comparativo do motivo da cooperação de um anjo e demônio na promoção da peste baseada no imaginário da superioridade de Deus. Brian P. Levack destaca foca o tema da bruxaria na Europa e na América Colonial desde o final do século passado. Em seu capítulo, ele considera as perspectivas de gênero e os tipos de pecados confessados e propõe uma tipologia que distingue narrativas confessionais como enredo que a maioria dos casos parece seguir. O estudo de E.

J. Kent parte da ideia que convicções culturais autênticas se refletem em comportamentos corporais e acusações uniformizados e repetidos. As adolescentes acusadoras são vistas como ecos e agentes de uma cultura e não como fraudulentas ou doentes. Dolly MacKinné mostra a relação circular entre relatos religiosos impressos e o imaginário religioso do século 17.

A respeito da segunda parte (p. 103-185)

Todos os estudos desse capítulo tratam do tema da religião e autoridade cultural: em primeiro lugar, das preocupações de uma autoridade clerical em manter a ordem na cidade, seguida de uma crítica às autoridades da cidade. Posteriormente, da reconstrução da mentalidade religiosa de uma autoridade como acesso à mentalidade religiosa de uma época e região e, finalmente, de um tipo de autorização de um médico na base da autoridade religiosa de um outro. Peter Howard apresenta uma reconstrução das circunstâncias de um julgamento de heresia sem conhecimento dos autos do processo – que se perderam –, mas, com base nos sermões proferidos pelo acusador, apesar de que esses sermões não tratam do caso. Entretanto, ele consegue identificar temas e preocupações que serviriam como explicação do caso. Trata-se da busca em textos de motivos para decisões na história e para explicar obras, trechos ou imagens encontrados nelas. O estudo de *Hans de Waardt* parte do ano da criação da pintura “Saul visita a bruxa de Endor” de Van Oostsanen, 1526, que fica de fato antes dos casos registrados de julgamentos de bruxas na cidade de Amsterdã e investiga sua finalidade. Ele chega à conclusão que o tema da obra seria de fato “Saulo como herege”, como uma crítica às lideranças da cidade e não às práticas religiosas e crenças populares de bruxaria. O motivo – ou a imagem – da bruxaria teria sido usado meramente para transmitir outra mensagem, de cunho político. *Donna Merwick* apresenta um estudo de práticas religiosas reformadas holandesas na Nova Holanda, atualmente, Nova York. De fato, partindo de comentários muito breves no diário de Peter Stuyvesant a respeito da sua participação em cultos, Merwick propõe uma releitura da história religiosa reformada na época e região. *Leigh T. I. Penman* foca novamente na cultura visual e investiga a substituição de um retrato de Lutero por uma imagem de Paracelsus em uma *vita* de Lutero “pirata”. Depois de avaliar diversas explicações, conclui que se trata de uma provocação iconoclasta – pelo fato da

exclusão da imagem verdadeira de Lutero presente no texto original – em defesa do próprio Paracelsus – visto como Lutero ou como um revolucionário da medicina.

A respeito da terceira parte (p. 185-301)

Este capítulo é dedicado a supostas anomalias de hábitos humanos, de acontecimentos naturais e suas interpretações religiosas como de animais míticos ou extraordinários ou exóticos como bestas e sinais divinos ou metáforas do mal. *Heather Dalton*, da Escola de Estudos Históricos e Filosóficos na Universidade Melbourne, compara o texto de Roger Barlow (1541), baseado em Martin Fernandez de Enciso (1519) e Hans Staden (1557) em relação ao tema do canibalismo e à construção de uma atrocidade desumana e monstruosa que, sua vez servia, como justificativa para sua violenta exploração pelos europeus. *Jennifer Spinks* da Universidade de Manchester analisa, em um estudo comparativo, a perspectiva religiosa de oito narrativas visuais e textuais francesas, alemãs e austríacas de um só evento, o aparecimento de um cometa em 1556. Em todas aparece uma interpretação pré-moderna do cometa como anomalia de um cosmo ordenado, mas contextualiza-se “o sinal” ou “a voz divina” de forma distinta. *Susan Broomhall*, da Universidade do Leste da Austrália, foca na produção textual de um monastério de freiras em busca de uma leitura padrão de desastres naturais ocorridos durante o fim do século 16. Dois aspectos chamam a atenção. Primeiro, escritas por diversas mãos, essas crônicas revelam recepções religiosas distintas e individuais. Segundo, há uma tendência de interpretar desastres do cotidiano, ou seja, próximo às freiras, como naturais, e desastres não assistidos, como supernaturais. Supõe-se aqui a influência de panfletos, inclusive da aceitação acrítica das suas interpretações religiosas. *Larry Silver* interpreta retratos de baleias em gravuras de livros e panfletos dos séculos 15 e 16 e mostra interpretações religiosas para relatos de eventos espetaculares. Antes, partes de um mostruário a uma visão religiosa do mundo, as baleias tornam-se parte da natureza, do mundo, que não requerem leituras religiosas para serem entendidas. *Shelley Perlove*, da Universidade de Michigan, foca nos retratos de um dragão e de um elefante na gravura Adão e Eva de Rembrandt de 1638 como reflexões de pronunciamentos de Calvino e da nova tradução calvinista holandesa da Bíblia, a chamada *Statenbijbel*, publicada em 1637.

Rembrandt traduz essas narrativas religiosas em uma linguagem visual e mantém o significado metafórico religioso de animais míticos ou pouco conhecidos na Europa. Surpreendentemente, a autora não se refere à tradição dos livros com emblemas que estavam nas cidades da Antuérpia e de Amsterdã na época no seu momento mais prestigiado (cf. os irmãos Wierix).

A respeito da quarta parte (p. 303-409)

Enquanto os textos anteriores estavam interpretando as linguagens religiosas em textos ou imagens do cotidiano ou crônicas, ou se uso para articular temas seculares, neste o quarto capítulo investigações da cultura visual e material religiosa explicita. Inverte-se, então, a lógica: procura-se identificar a linguagem cultural nas representações religiosas. *Patricia Simon* da Universidade de Michigan discute métodos de interpretação da arte renascentista, partindo de um detalhe: a aparência de uma lesma no quadro “O anúncio” de Francesco del Cossa de 1470. A autora compara a obra com outras pinturas religiosas da época que também contém uma lesma traz uma interpretação que vai além das duas propostas clássicas. Professora na Universidade de Oxford, *Lyndal Roper* se dedica à cultura material e visual luterana. Ela estuda o fenômeno de colecionar e exibir relíquias de Martin Lutero e relacioná-lo com o uso estratégico da cultura visual pelo próprio Lutero por razões apologéticas. As suas detalhadas distinções de tipos e usos dessa cultura material enriquecem em muito os estudos da cultura visual e material protestante. Os próximos dois estudos se dedicam à cultura visual e material na Inglaterra. O primeiro se refere ao tempo antes da Reforma; o segundo ao tempo depois. *Peter Sherlock*, da Universidade da Divindade, de Melbourne, Austrália, apresenta três tipos de apresentações da cultura material de Westminster Abbey, certamente conhecidas em 1504 e em uso até o fim do século 17: os mais antigos e menos acessíveis, os epitáfios – versos esculpidos na pedra dos túmulos dos reis e das rainhas, as tábuas – de madeira, penduradas perto dos túmulos – com descrições amplas e as adegas – textos pintados na pedra. Enquanto os epitáfios se preservaram, conhecem-se as tábuas somente de descrições de viajantes e publicações especialmente dedicadas a elas como *Eikon basilike* de 1649. O mesmo vale em geral também para as adegas dos quais se em alguns casos preservaram ainda pequenos restos da pintura. Como método explora Sherlock a diferença entre os três o que se

apresenta para ele como uma contínua releitura do papel das dinastias inglesas: “contrário à aparência, monumentos são representações instáveis de significado”. *Alexandra Walsham* da Universidade de Cambridge apresenta um estudo que apesar de lembrar de imediato do texto de *Lyndal Roper*, explora práticas católicas depois da Reforma na Inglaterra, inclusive o interesse em relíquias dos novos santos como Thomas Moore. Esta prática antecipa processos de beatificação e santificação por décadas. Como método explora as próprias relíquias e tratados anticatólicas que as mencionam.

Considerações finais

Para o/a cientista da religião interessado/a na cultura visual e material religiosa ou nos aspectos religiosos da cultura visual e material, de épocas passadas ou mais contemporâneas, a coletânea *Religion, the Supernatural and Visual Culture in Early Modern Europe: An Album Amicorum for Charles Zika* é uma fonte de inspiração metodológica e temática. O seu estudo sistemático treina o olhar, indica novos caminhos e evidencia o grande potencial (ainda não explorado) de estudos inter(trans)disciplinares da religião na América Latina e no Brasil. Assim, sugerimos a sua aquisição para as bibliotecas tanto dos cursos de pós-graduação de teologia como das ciências da religião como, naturalmente, da história e da história da arte.

¹ Com a surpreendente exceção de um terço dos capítulos (2, 3, 4, 5, 11 e 16).

Recebida em 01/08/2016, revisada em 13/08/2017, aceita para publicação em 27/10/2017.